

# Capítulo 25

## Um levantamento de fatores que podem induzir ao suicídio

*Roberto Alves Banaco*

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*

Como ponto de partida para a execução de uma análise de contingências que podem levar um indivíduo a cometer suicídio, o presente artigo buscou realizar um levantamento de fatores que têm sido identificados como desencadeantes da resposta suicida. Neste artigo, ainda, tenta-se demonstrar que apesar de todos os controles culturais e sociais exercidos para prevenir a resposta suicida, os dados estatísticos sobre sua ocorrência, tentativa, planejamento e/ou ideação demonstram que a incidência dessa resposta é bastante elevada na atualidade. A análise apresentada inicia com a definição de suicídio, enfocando-o como um fenômeno social e verbalmente determinado. Procura-se descrever as possíveis funções das respostas suicidas e apresenta-se uma lista de situações nas quais indivíduos que cometeram ou tentaram a resposta suicida estavam envolvidos. Procura-se, ainda, discutir algumas interpretações encontradas na literatura a respeito da resposta suicida, as quais, além de parecerem incorretas do ponto de vista teórico-conceitual, não auxiliariam na prevenção desse tipo de resposta.

**Palavras-chave:** suicídio, fenômenos sociais, análise de contingências, behaviorismo radical.

As starting point for put to practice an analysis of contingencies that can lead an individual to make suicide, the present article looked for to accomplish a rising of factors that have been identified as unchaining of the response to commit suicide. In this article, still, it is tried to demonstrate that in spite of the cultural and social controls exercised to prevent suicide, the statistical data on its occurrence, attempt, planning and/or ideation demonstrates that the incidence of that response is, at the present time quite high. The presented analysis begins with suicide's definition, focusing it as a social phenomenon and verbally determined. It tries to describe the possible functions of the suicidal answers and shows a list of situations in the ones which individuals that practiced or tried the response "to suicide" were involved. It is sought, still, to discuss some interpretations found in the literature regarding the suicide, the ones that, besides seem incorrect of the theoretical-conceptual point of view, they would not aid in the prevention of that response type.

**Key words:** suicide, social phenomena, analysis of contingencies, radical behaviorism

### Um levantamento de fatores que podem induzir ao suicídio

O suicídio tem sido definido como "a retirada deliberada, consciente, e proposital da própria vida" (Hayes, Strosahl e Wilson, 1999). Ficam, portanto, fora desta definição aquelas respostas que inadvertidamente levam à morte as pessoas que as emitiram, casos nos quais define-se o acontecimento como um acidente.

Existem várias observações de que o suicídio está presente em todas as sociedades humanas e não ocorre em nenhuma outra espécie animal. Mesmo na razoavelmente conhecida observação de que uma espécie de castor denominada por "lêmingues noruegueses" comete o suicídio, o que se observa, na realidade, é que quando a população desse animal fica muito alta, o grupo inteiro apresenta um padrão de correr desordenadamente, próximo ao mar, e com isso, muitos deles acabam morrendo afogados (Hayes e cols, 1999) – o que seria considerado um acidente em massa.

O fato é que a inclusão da palavra "consciente" na definição do suicídio abre as portas para uma interpretação de que essa resposta seja considerada resultante de comportamento verbal, ou seja, uma resposta socialmente determinada. Hayes e cols. (1999) argumentam que um dos mitos mais presentes nas culturas ocidentais é a expulsão do Homem do Jardim do Éden, o que dá a ele "a consciência" da culpa. Dessa forma, interpretam os autores, a espécie humana é capaz de:

- a. Julgar a si própria e ver-se em falta;
- b. Imaginar a perfeição e considerar o presente inaceitável, por comparação;
- c. Reconstruir o passado;
- d. Preocupar-se com o futuro;
- e. Sofrer com o saber de que morreremos, um dia.

Como pode ser observado nesses itens listados, os autores centralizam-se principalmente no suicídio enquanto resultado de contingências aversivas e verbais (culturais).

No entanto, se levarmos em consideração de que o comportamento é multideterminado (Skinner, 1953/1989), poderemos chegar a uma análise bem diferente dos fatores que podem levar ao suicídio. Um primeiro aspecto do problema que pode ser levantado é que existe uma razoável interação entre topografia e função do comportamento. Podemos considerar de que a mesma topografia pode ter várias funções. No caso especificamente do suicídio, por exemplo, nem sempre a resposta suicida tem a função de tirar a vida de quem a comete, mas a de ser apenas uma "tentativa", no sentido de "chamar a atenção". Por outro lado, várias topografias de respostas podem ter a mesma função (o que seria chamado de "classe de respostas"), o que, no caso do suicídio, dificultaria ainda mais identificar se uma dada resposta é uma tentativa "real" ou não de suicidar-se.

Quando se estuda um problema social, do tipo do suicídio, a topografia é a dimensão mais evidente (já que a função, tirar a própria vida deliberada e voluntariamente, já foi fixada na definição). No entanto, vamos analisar mais detalhadamente as funções contidas nessa definição: quando falamos sobre suicídio, do que estamos falando realmente?

### **Estudos epidemiológicos**

Quando um problema atinge um número grande de pessoas, ele passa a ser considerado um problema social e estudos epidemiológicos são realizados. Esses estudos detectam a incidência do problema na população, determinando a sua gravidade e relevância. Também procuram descrever as formas observadas do comportamento-problema e passam a definir critérios de classificação com bases estatísticas (como os encontrados no DSM-IV e no CID 10).

Esses estudos têm apontado que na população americana, por exemplo, 10% dos indivíduos já tentaram o suicídio, 20% já planejaram como realizá-lo e mais 20% já pensaram em suicidar-se, mas não planejaram a forma pela qual executariam o ato (Chiles e Strosahl, 1995). Isto apresenta a estonteante marca de que metade da população americana no mínimo "pensou em suicidar-se".

A situação é tão grave que se podem notar mecanismos sociais das várias agências controladoras para prevenir o suicídio, infelizmente todos eles baseados em ameaças de punição. Assim, até há bem pouco tempo, na legislação brasileira (através da agência controladora "Governo e Lei"), encontrava-se a previsão de processo penal aberto contra a pessoa que tentasse o suicídio e sobrevivesse. Hoje em dia, no caput do artigo 122 do Código Penal brasileiro, considera-se crime "induzir ou instigar alguém a se suicidar ou facilitar a morte de alguém". A pena prevista é de 2 a 6 anos (Editora Saraiva, 1999). Já a Religião impede que o suicida seja enterrado em "solo consagrado". Em termos econômicos, o suicida não tem direito a socorro através do plano de saúde, bem como a família do suicida não tem direito ao montante do seguro de vida. Já clinicamente falando, não é raro observamos a Família do suicida demonstrando mágoa e desprezo pela "fraqueza" demonstrada por ele.

## **Suicídio: do que estamos falando?**

Para continuarmos a proceder a uma análise cuidadosa do suicídio, podemos separar várias funções da resposta suicida, da mais "leve" àquela que efetivamente chega a ocasionar a morte do indivíduo.

A primeira delas é a simulação do suicídio. A resposta ocorre, mas não há risco de vida do indivíduo que a emite. Possíveis contingências que poderiam levar a essa classe de respostas seriam busca de afeto (mais corretamente em termos técnicos, reforçamento social como o observado, por exemplo, no filme "Ensina-me a viver"), ou como esquiva de possíveis punições (em casos em que se cometeram crimes, em que a pessoa está ameaçada de morte, etc.).

A segunda, um pouco mais grave, é aquela na qual a pessoa tem "ideação" suicida, ou seja, passa alguma parte do tempo da sua vida imaginando ou desejando sua própria morte, eventualmente até planejando como isso poderia acontecer. Notadamente este tipo de resposta é encontrado com uma certa correlação com outros diagnósticos psiquiátricos. Os mais comuns são os diagnósticos de transtorno obsessivo-compulsivo, esquizofrenia e fobia social (Cox, Dorenfeld, Swinson e Norton, em 1994, relataram que pelo menos 12% da população americana que têm o diagnóstico de fobia social já tentaram suicídio).

A terceira função poderia ser encontrada em respostas de indivíduos que colocam em risco sua própria vida. Tais indivíduos poderiam ser classificados como tendo uma "tendência" suicida, e muitas vezes podem passar despercebidos como suicidas, ou até mesmo serem valorizados pelas respostas que emitem. Nesses casos, poderemos listar os praticantes de "esportes radicais", nos quais a menor falha na habilidade levará à fatalidade. Ainda se encontram nesse agrupamento pessoas que se envolvem constantemente em episódios de brigas e violência, aqueles que abusam de substâncias químicas e os que se engajam em comportamento sexual de risco. Tais comportamentos podem ocorrer porque, além de terem baixa probabilidade de gerar punição imediatamente, levam muitas vezes a reforçamento e a uma descrição de terem "habilidade/capacidade" de enfrentar situações de risco. Ainda, caso a morte aconteça, o ato será visto como "involuntário" (caindo fora, portanto da definição apresentada no início deste artigo). Algumas vezes, ainda, é fruto de um comportamento de "jogar com a vida", do qual a pessoa "praticante", caso saia viva da situação, experimenta uma imensa sensação de vitória. De

qualquer forma, em qualquer desses comportamentos listados neste item, em algum grau há reforçamento social por admiração do indivíduo devido a sua coragem.

Uma outra categoria seria a tentativa de suicídio. Nesta categoria, poderíamos supor algumas funções, grosso modo descritas como "apaciar a fúria do ambiente" ou "recuperar afetos perdidos". Uma questão bastante séria com essa categoria é a de que o ambiente responde gradativamente com exigência maior da intensidade da resposta de tentativa de suicídio para apresentar o mesmo efeito. Claramente, isto acabará levando à resposta final. A análise desta situação é bastante complexa e conflituosa, já que as consequências possíveis para a tentativa de suicídio seriam ou simpatia (que pode reforçar a resposta) ou o desprezo (o que aumentaria a aversividade da situação e produziria nova resposta de "escape"). Em ambos os casos, haveria uma maior probabilidade da resposta ocorrer. A alternativa seria retirar a aversividade do ambiente (se possível) e apresentar reforçadores positivos a respostas gradativamente incompatíveis à tentativa de suicídio (por exemplo, respostas verbais de "estar melhor com a vida, agora").

A mais séria classe de respostas seria o suicídio em si, quando a pessoa que o pratica chega à morte. Ainda neste caso, ele pode ser o elo final na cadeia de respostas de tentativas gradativamente mais sérias (um acidente), ou um ato aparentemente de fuga.

Neste ponto, vale a pena apresentar uma reflexão realizada por Sidman (1989/1995). Esse autor lembra que o suicídio só pode ser praticado uma vez, não sendo, portanto, ser passível de ser explicado por história de reforçamento para esse ato. Segundo esse autor, a resposta suicida pode ser a "fuga última de uma vida dominada por reforçamento negativo e punição". Ele levanta como possíveis causas do suicídio uma inabilidade do indivíduo para satisfazer as demandas sociais (família, amigos e comunidade) e a culpa por não ser digno dessas relações. Aponta ainda situações nas quais o suicídio pode ser a fuga impossibilitada e desesperada de violência física e humilhações (como as que podem ocorrer em instituições penais e outras).

Seguindo ainda essa linha de raciocínio, são ainda possíveis de serem encontradas como possíveis causas do suicídio a perda de fontes de reforçadores poderosos, tais como a morte de uma pessoa significativa. Ainda nessa linha, estaria a morte por protesto (por exemplo, quando manifestantes ateiam fogo ao próprio corpo), ou ainda por cansaço (idade avançada e a conseqüente perda de liberdade – o filme "Right of way" ilustra bem este caso).

E, finalmente, por mais paradoxal que pareça, ainda podemos encontrar situações nas quais o suicídio seria a resposta para a qual está declarado que haverá reforçamento positivo. Este exemplo é ilustrado pelos casos de envenenamento coletivo pela busca do paraíso preconizado por algumas "religiões", pelos casos nos quais se morre por uma causa (pátria, no caso dos kamikazes; por coragem, no caso de alguns terroristas), ou ainda por honra (haraquiri).

## **Fatores sociais de risco e sinais de alerta**

Como foi apontado no início deste trabalho, os estudos epidemiológicos acabam "mapeando" uma série de situações nas quais se observa um risco maior de ocorrência de

respostas suicidas. Embora o suicídio não ocorra em todas as pessoas que passam por tais situações, elas estão presentes na maior parte dos casos de suicídio observados.

Os dados relacionados a seguir foram arrolados por Hirschfeld e Russel, 1997 (apud Patterson, Williams, Grauf-Grounds e Chamow, 1998). Segundo esses autores, os fatores sociais de risco observados são:

- A incidência do suicídio aumenta com a idade (embora ultimamente seja observado um aumento em jovens);
- Maior número de suicídio em homens; maior número de tentativas em mulheres;
- Povos de cor branca cometem mais do que os outros povos (embora note-se um aumento recente em jovens negros);
- Parece haver uma correlação entre suicídio e perdas importantes na infância, e entre tentativas de suicídio e perdas importantes em idade mais avançada;
- Em casos de perdas recentes, quanto mais irrevogáveis elas forem, maior o risco de suicídio;
- O acúmulo de perdas durante a vida também tem sido observado;
- Alcoolismo;
- Depressão;
- Declínio da saúde e da potência;
- Tentativas anteriores de suicídio;
- Declínio da situação econômica (desemprego, ou freqüentes trocas por empregos que paguem gradativamente menos);
- Viver em grandes centros urbanos (áreas de alta criminalidade, alcoolismo, doenças mentais, pobreza e desorganização familiar, isolamento social e alienação);
- Quebra de relacionamento afetivo (separação, divórcio e viuvez). Vale a pena ressaltar que o casamento tem sido apontado como preventivo para a resposta suicida em homens, e que mulheres sobrevivem melhor à perda dos cônjuges que homens;
- História de tentativas ou suicídios de parentes ou pessoas importantes e próximas.

Por outro lado, existem algumas topografias de respostas que podem ser indícios de comportamentos suicidas. Segundo Hirschfeld e Russel (1997), tais respostas são:

- Quietude, retraimento, poucos amigos;
- Mudanças marcadas nos seguintes comportamentos:
  - Ter vários amigos e passar a ficar retraído;
  - Deixar de comunicar-se;

- Tristeza;
- Falta de expressão facial;
- Ser retraído e passar a ficar agitado e criar problemas;
- Fracasso crescente ou pressão sobre o desempenho (na escola é o mais freqüente, mas pode ser visto também em casa, no trabalho ou em relacionamentos amorosos);
- Mudanças familiares recentes (doenças, perda de emprego, alcoolismo dos pais, morte, separação, divórcio ou abandono do lar);
- Sentimentos de desespero ou falta de esperança (detectados desde a postura corporal até a expressão verbal de tais sentimentos);
- Outras mudanças de comportamentos:
  - Correr riscos desnecessários;
  - Envolvimento com o beber e o abuso de drogas;
  - ImproPRIAMENTE agressivo ou submisso;
  - Abandonar a posse das coisas;
- Verbalizações suicidas:
  - “Não vale a pena viver”;
  - “Estou acabado”;
  - “Eu deveria (ou queria) estar morto”;
- Planejamento do suicídio:
  - Estocar medicamentos;
  - Comprar armas;
  - Acertar débitos financeiros, deixar a família em boa situação;
- “Atitudes” negativas ou temerosas a respeito de tratamentos psiquiátricos:
  - Recusa em receber ajuda;
  - Conflitos sobre fidelidade familiar;
- Impasse na terapia (sabotagem da terapia, extrema resistência).

## **Finalizando**

Como foi possível notar, o suicídio é um fenômeno multifacetado e com inúmeras interpretações. Além de ser dificilmente previsto (embora haja a lista dos “sinais de alerta”), também tem sido bastante discutido teoricamente.

As propostas mais comumente aceitas levam em consideração que o suicídio possa ser uma resposta de esquiva ou fuga de situações aversivas (Sidman, 1989/1995), embora tenhamos acompanhado situações nas quais pode-se pressupor uma possível

admiração social vinculada a ele (talvez esta interpretação seja melhor entendida à luz de metacontingências culturais).

A própria interpretação de Sidman sobre o suicídio ser uma resposta de esquiva e/ou fuga de situações aversivas encontra críticas já antevistas por ele. Conforme já foi apontado anteriormente, Sidman interpreta que o suicídio não pode ser considerado um comportamento porque não há possibilidade de consequência para ele. Da mesma forma Hayes e cols. (1999) apontam que é incorreto pensar no suicídio enquanto uma resposta de fuga e esquiva, pelo fato de que, quando estudamos organismos não verbais, consideramos fuga/esquiva o procedimento no qual é necessário haver a exposição direta do organismo a um estímulo aversivo (ou associado a ele) e uma ação que previna ou retire tal evento aversivo. Ou seja, que a probabilidade do aversivo ocorrer seja menor depois da resposta do que antes dela. Com o suicídio não se pode ter este tipo de análise: segundo os autores, ninguém sabe exatamente como é estar morto para fazer a comparação.

Hayes e cols. (1999) sugerem fortemente que o suicídio ocorre mesmo quando a ação de retirada da própria vida produz exposição a eventos aversivos antes da morte ocorrer. Segundo eles, o controle sobre o suicídio é verbal. Justificam sua interpretação pelo fato de que pessoas verbais podem formular consequências de sua própria morte. Assim, a frase: "Se eu estiver morto" poderia ser completada com:

- "terminará meu sofrimento";
- "os outros vão perceber o quanto erraram comigo";
- "vou para um mundo melhor que este";
- "o seguro de vida será pago para as crianças";
- "irei para o céu";
- etc...

Hayes e cols. propõem também que eventos verbais (tais como "céu", "sofrimento" e outros) têm funções via sua participação com estruturas relacionais com outros eventos. Assim, "céu" pode estar relacionado com muitos eventos positivos desde a infância do indivíduo, bem como "sofrimento" participa de uma classe equivalente à dor experimentada diretamente e "não sofrimento" participa de uma estrutura de oposição com aquela dor real. Decorre dessas relações que a sentença "Se morte, então não sofrimento" seja uma descrição de contingências. Para eles, portanto, "suicídio é um comportamento governado por regras, baseado na construção de consequências imaginárias".

O tema, conforme já foi indicado anteriormente, é bastante complexo e merece estudo, reflexão e exercício teórico. Fica aqui o convite para essas atividades.

## Referências

Chiles, J. e Strosahl, K.D. (1995). *The suicidal patient: Principles of assessment, treatment and case management*. Washington, D.C.: American Psychiatric Press.

Editora Saraiva (1999). *Código de Processo Penal*. São Paulo: Saraiva.

- Hayes, S.C; Strosahl, K.D. e Wilson, K.G. (1999). *Acceptance and commitment therapy: An experiential approach to behavior change*. New York: The Guilford Press.
- Patterson, J.; Williams, L.; Grauf-Grounds, C. e Chamow, L. (1998). *Essential skills in family therapy: from the first interview to termination*. New York: Guilford Press.
- Sidman, M. (1995). *Coerção e suas implicações*. (M.A. Andery e T.M. Sérgio, Trads.). Campinas: Editorial Psy. Trabalho publicado originalmente em 1989.
- Skinner, B.F. (1989). *Ciência e Comportamento Humano*. (J.C.Todorov e R. Azzi, Trads.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1953).